

coração em chamas

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para o Bruce,
Por me compreender e me amar
de qualquer modo.*

ATAQUE INICIAL

Depressa ateado e depressa ardido.

— William Shakespeare

1

Apanhado pelos ventos cruzados sobre as montanhas Bitterroot, o bimotor tentava seguir o seu curso. As chamas que ardiam sobre a terra lançavam os seus punhos através das torres de fumo, como se tentassem deixá-lo fora de combate.

Do seu assento, Rowan Tripp inclinou-se para observar a fúria da Mãe Natureza. Em poucos minutos estaria lá em baixo, rodeada pelo abrasador mar de chamas e pelo fumo sufocante, para travar o seu combate com pá e serra, determinação e astúcia. Um combate que não tencionava perder.

O seu estômago era sacudido juntamente com o avião, uma sensação que ela aprendera a ignorar. Toda a vida havia voado, e desde os dezoito anos combatia incêndios florestais todas as temporadas. Era paraquedista há quatro anos, metade do tempo da sua atividade enquanto bombeira.

Rowan havia estudado, treinado, sangrado e sofrido queimaduras, suportado a dor e a exaustão para poder tornar-se uma Zulie. Uma bombeira-paraquedista de Missoula.

Esticou as suas longas pernas o máximo possível durante uns instantes e rolou os ombros sob as alças da mochila para os manter descontraídos.

Ao seu lado, o companheiro de saltos observava-a enquanto tamborilava rapidamente com os dedos sobre as coxas. — Parece furioso...

— Nós somos piores.

Ele sorriu-lhe de orelha a orelha, revelando os dentes salientes. — Podes apostar.

Nervosismo. Para ela, era evidente que o rapaz estava com os nervos à flor da pele.

Jim Brayner estava quase a concluir a sua primeira temporada e ainda sentia necessidade de se encorajar antes de um salto, pensou Rowan. Com alguns seria sempre assim, concluiu ela, enquanto outros faziam pequenas sextas para ganharem forças para o que teriam de enfrentar.

Ela seria a primeira a saltar e Jim fá-lo-ia logo em seguida. Se ele estava a precisar de incentivo, ela ia providenciar-lho.

— Vamos dar cabo dele! É o primeiro filho da mãe a sério que combatemos numa semana. — Deu-lhe uma cotovelada descontraída. — Não eras tu que estavas sempre a dizer que esta época já tinha terminado?

Jim continuou a tamborilar com os dedos sobre as coxas, seguindo um qualquer ritmo interior. — Não! Isso foi o Matt — insistiu ele, ainda de sorriso forçado, atribuindo a culpa ao irmão.

— É isto que se pode esperar de um par de saloios do Nebraska. Não tens nenhum encontro escaldante amanhã à noite?

— Os meus encontros são sempre escaldantes.

Era algo indiscutível, já que via Jim a pescar mulheres como se fossem trutas sempre que a unidade conseguia tirar uma noite de folga para se divertir. Inclusivamente, recordou, ele havia-se-lhe insinuado pouco depois de ter chegado à base. Contudo, havia encarado com desportivismo a sua rejeição.

Rowan seguia a rígida política de não se envolver com ninguém da unidade. Caso contrário, talvez se tivesse sentido tentada. Jim tinha um rosto sincero e inocente, no qual se destacava o sorriso fácil e o brilho dos olhos. Para se divertir, pensou ela; para um desarmar des preocupado da garrafa da luxúria. Para algo sério — mesmo que fosse isso que ela pretendesse — ele nunca serviria. Embora tivessem a mesma idade, ele era ainda demasiado novo, demasiado inexperiente... e talvez um pouco doce de mais sob aquela fina camada de verde que ainda não havia sido completamente queimada.

— Que rapariga é que irá deitar-se, triste e sozinha, se ainda estiveres a dançar com o dragão? — perguntou-lhe ela.

— A Lucille.

— Essa é a baixinha... que está sempre a rir baixinho.

Ele não parava de tamborilar com os dedos sobre o joelho. — Ela faz mais do que rir baixinho.

— És um cão, Romeo.

Jim inclinou a cabeça para trás e soltou uma série de latidos agudos que a fizeram rir.

— Vê se a Dolly não descobre que andas a uivar por aí — comentou ela. Rowan sabia, todos sabiam, que ele andava a deitar-se com uma das cozinheiras da base desde o início da temporada.

— Eu entendo-me com a Dolly — disse ele, acelerando o ritmo dos dedos. — Vou resolver as coisas com a Dolly.

Ali passava-se algo, pensou Rowan, e era por esse motivo que as pessoas inteligentes não iam para a cama com colegas de trabalho.

Deu-lhe uma pequena cotovelada porque aqueles dedos inquietos estavam a preocupá-la. — Está tudo bem contigo, campónio?

Ele fitou-a por um instante com aqueles olhos azuis-claros, mas desviou-os rapidamente enquanto baloiçava as pernas sob os dedos inquietos. — Tudo fino. Vai ser um voo tranquilo, como sempre. Só estou ansioso por chegar lá abaixo.

Rowan colocou uma mão sobre a dele para a imobilizar. — Precisas de manter a concentração, Jim.

— Eu estou concentrado. Olha como aquele demónio agita a cauda — disse ele. — Assim que nós chegarmos lá abaixo, vai ver o que é bom para a tosse. Vamos dar cabo dele e amanhã à noite já vou estar a divertir-me com a Lucille.

Pouco provável, pensou Rowan. A vista aérea do incêndio dizia-lhe que seriam dois dias de trabalho árduo.

Isso, se tudo lhes corresse de feição.

Rowan pegou no seu capacete e acenou com a cabeça em direção ao *spotter*¹. — Quase prontos. Mantém a cabeça fria, campónio.

— Sou um cubo de gelo.

Cartas, como era apelidado por carregar um baralho para onde quer que fosse, avançou pelo meio dos dez paraquedistas e do equipamento até à cauda da aeronave e prendeu o arnês ao cabo de segurança.

Quando gritou para que resguardassem o paraquedas de reserva, Rowan enganchou o braço no seu. Cartas, um veterano encorpado, abriu

¹ *Spotter*: Elemento da unidade responsável pela avaliação das condições no ar e em terra, e pela determinação do local de aterragem do bombeiro-paraquedista. (N. da T.)

a porta e uma corrente de ar carregada de fumo e combustível invadiu a aeronave. Enquanto ele pegava no primeiro conjunto de fitas coloridas, Rowan colocou o capacete sobre os seus curtos cabelos louros, prendeu-o e ajustou a máscara facial.

Rowan viu as longas fitas realizarem a sua dança colorida no céu tingido de fumo. Com as extremidades a sacolejar com a turbulência, as fitas seguiram em espiral rumo a sudoeste, pareceram dar uma cambalhota e subir, e deram mais um salto antes de se embrenharem no arvoredo.

— Direita! — gritou Cartas para o microfone dos seus auscultadores, e o piloto virou o avião.

O segundo conjunto de fitas saiu disparado e começou a rodopiar como um brinquedo a corda. Depois enlearam-se umas nas outras e voltaram a separar-se antes de caírem na parte ladeada de árvores da zona de aterragem.

— O vento está a soprar através daquele riacho, a descer em direção às árvores e a atravessar toda esta zona — disse Rowan a Jim.

Por cima dela, o *spotter* e o piloto fizeram mais alguns ajustes antes de outro conjunto de fitas ser lançado na corrente de ar.

— A besta está a morder.

— Sim, eu vi. — Jim passou o dorso da mão pela boca antes de colocar o capacete e a máscara.

— Sobem para os três mil! — gritou Cartas.

Altitude de salto. Como era a primeira a saltar, Rowan levantou-se para assumir a sua posição. — São cerca de trezentos metros à deriva! — gritou ela a Jim, repetindo o que havia ouvido Cartas dizer ao piloto. — Mas tem cuidado para não seres arrastado pelo vento!

— Não é a minha primeira vez!

Por detrás das barras da máscara, Rowan viu o seu sorriso confiante, entusiasmado até. Mas, por um breve instante, notou algo diferente nos seus olhos. Quando ia falar, Cartas, já em posição à direita da porta, gritou: — Estão prontos?

— Estamos! — respondeu ela.

— Prendam o arnês.

Rowan enganchou o cabo estático.

— Para a porta!

Ela sentou-se; pernas penduradas para fora, sujeitas à forte corrente de ar, e corpo inclinado para trás. À sua volta o ruído era ensurdecedor.

Abaixo das suas pernas, o fogo lançava vibrantes labaredas vermelhas e douradas.

Para Rowan, só existia aquele momento; o vento, o fogo e o misto de euforia e de medo que sempre a surpreendia.

— Viste as fitas?

— Sim.

— Viste o local de aterragem?

Ela anuiu com a cabeça, lembrando ambos e seguindo as fitas coloridas até ao alvo.

Cartas repetiu, quase palavra por palavra, o que ela havia dito a Jim. Ela limitou-se a anuir novamente com a cabeça, olhos postos no horizonte, respirando com calma, visualizando-se em voo, a cair, a atravessar o céu em direção ao local de aterragem.

Rowan verificou se tinha tudo em ordem enquanto o avião completava o seu círculo e se estabilizava.

Cartas voltou a colocar a cabeça para dentro. — Prepara-te.

A *postos*, disse o pai de Rowan na sua cabeça. Agarrou-se com firmeza aos dois lados da porta e susteve a respiração.

E quando sentiu a palmada do *spotter* no seu ombro, lançou-se no firmamento.

Para Rowan, nada suplantava aquele instante de insanidade em que se lançava para o vazio. Começou a fazer mentalmente a contagem decrescente, uma tarefa tão automática para si como respirar, e rolou naquele céu carregado para ver o avião afastar-se. Vislumbrou Jim, que descia velozmente atrás dela.

Uma vez mais, rodou o corpo e combateu a corrente de ar até conseguir colocar os pés para baixo. O paraquedas abriu-se então, com um esticão. Rowan procurou Jim novamente e sentiu algum alívio quando viu o velame do colega aberto no céu vazio. Naquela bolsa de silêncio sinistro, longe do ruído do avião e acima do bramido do fogo, ela agarrou nos batoques de direção.

O vento tentava, insistentemente, arrastá-la para norte. Rowan foi igualmente insistente em manter o rumo que havia delineado na cabeça. Manteve os olhos fixos no solo, enquanto atravessava as fortes correntes cruzadas que lhe beliscavam o paraquedas, tentando envolvê-la no turbilhão.

A turbulência que havia apanhado as fitas coloridas golpeava-a em fortes rajadas enquanto o calor abrasador subia do terreno em chamas.

Se o vento levasse a sua avante, ela seria arrastada para lá do local de aterragem previsto e arriscava ficar presa nas árvores. Pior, podia ser empurrada para oeste, para o meio das chamas.

Puxou o batoque com força e olhou para cima a tempo de ver Jim ser apanhado pelo vento e começar a rodopiar.

— Puxa para a direita! Puxa para a direita!

— Já percebi!

Mas, para horror de Rowan, ele virou à esquerda.

— Para a direita, raios!

Rowan teve de se virar para aterrar, e o prazer de um deslizamento quase perfeito sobre o solo foi completamente abafado pelo pânico. Jim voava em direção a oeste, arrastado pelo velame horizontal, sem nada poder fazer.

Rowan embateu com os pés no solo e rebolou. Levantou-se rapidamente e libertou-se do paraquedas.

E, no meio das labaredas, ouviu o grito do seu companheiro de salto.

O grito fê-la acordar sobressaltada e continuou a ecoar-lhe na cabeça quando ela se sentou na cama e se encolheu na escuridão.

Para, para, para!, ordenou a si mesma. E baixou a cabeça entre os joelhos elevados até conseguir recuperar o fôlego.

Não fazia sentido, pensou ela. De nada valia reviver aquele pesadelo, recordar todos os detalhes, todos os momentos, nem perguntar-se, uma vez mais, se poderia ter feito alguma coisa de forma diferente.

Perguntar-se por que motivo Jim não a havia seguido até ao local de aterragem. Por que motivo teria ele puxado o batoque errado. Porque — maldição! — ele tinha realmente puxado o batoque errado e voado diretamente para o meio dos ramos letais das árvores em chamas.

Fazia meses, lembrou a si mesma. Rowan havia tido o longo inverno para superar o acontecido e acreditava ter conseguido.

Mas o regresso à base havia trazido o pesadelo de volta, admitiu ela enquanto passava as mãos pelo rosto e pelos cabelos que cortara bem curtos apenas uns dias antes.

A época dos incêndios estava a chegar. Daí a poucas horas iniciar-se-ia o treino de reciclagem. As lembranças, o pesar e a dor aflorariam certamente. Mas ela precisava de dormir mais uma hora antes de se levantar e se preparar para a dura corrida de cinco quilómetros.

Rowan era muito hábil a adormecer sempre que queria, em qualquer lugar, em qualquer altura. Quer numa zona abrigada durante um incêndio, ou num trepidante avião de salto. Sabia como comer e dormir quando a necessidade e a oportunidade surgiam.

Mas quando voltou a fechar os olhos, viu-se outra vez no avião, a virar o rosto para um sorridente Jim.

Sabendo que tinha de se livrar daqueles pensamentos, levantou-se da cama. Tomaria um duche, ingeriria cafeína e algo rico em hidratos e faria um leve treino de aquecimento para a exigente prova física.

Os seus companheiros de salto continuavam perplexos com o facto de ela nunca beber café a não ser quando assim decidia. Agradava-lhe o frio e o doce. Depois de se vestir, Rowan foi buscar uma *Coca-Cola*, à sua ampla reserva, e uma barrita energética. Levou ambas para o exterior, onde o céu começava a clarear e o ar ainda era fresco naquele dia de início de primavera em Montana Ocidental.

No vasto firmamento, as estrelas começavam a desaparecer, como pequenas velas que se apagavam. Rowan absorveu a escuridão e o silêncio ao seu redor, encontrando neles algum conforto. Cerca de uma hora mais tarde, a base despertaria e a testosterona inundaria o ar.

Como, de um modo geral, preferia os elementos do sexo masculino, quer para conversar, quer por companhia, não se importava que fossem em maior número. Mas Rowan valorizava o seu tempo de tranquilidade, aqueles pequenos momentos de solidão que se tornavam raros e preciosos durante a temporada. Era o melhor que podia haver, a seguir a dormir antes de um dia repleto de pressão e *stress*, pensou.

Podia dizer a si mesma para não se preocupar com a corrida, lembrar a si mesma que havia estado atenta ao seu treino pessoal durante todo o inverno, que estava na melhor forma da sua vida... que não adiantava de nada.

Tudo podia acontecer. Uma entorse, uma distração, uma súbita cãibra debilitante. Ou podia simplesmente ter um mau dia. Havia acontecido com outros. Umas vezes conseguiam recuperar, outras, não.

E uma atitude negativa não ia ajudar. Rowan comeu a barrita energética, bebeu a *Coca-Cola* e viu a luz do dia despontar sobre os picos escarpados e cobertos de neve.

Quando, minutos depois, entrou no ginásio, reparou que a sua solidão havia acabado.

— Eh, Trigger. — Rowan acenou com a cabeça em direção ao

homem que estava a fazer abdominais em cima de um colchão. — Quem diria!

— Eu digo é que somos todos doidos. Que diabo estou eu a fazer aqui, Ro? Tenho quarenta e três anos de idade!

Rowan desenrolou um colchão e começou a fazer alongamentos. — Se não fosses doido, nem estivesse aqui, continuarias a ter quarenta e três anos.

Com o seu metro e noventa e cinco, ultrapassando quase o limite máximo de altura permitido, Trigger Gulch era uma pessoa eficiente e determinada, com sotaque texano e uma predileção por botas de *cowboy*.

— Podia estar estendido numa praia em Waikiki — disse ele, enquanto executava uma rápida série de abdominais.

— Também podias estar a vender casas em Amarillo.

— Não é má ideia. — O homem secou o rosto e apontou para ela. — Podia trabalhar das nove às cinco durante os próximos quinze anos e depois reformar-me e ir para a tal praia em Waikiki.

— Ouvi dizer que Waikiki está a abarrotar de gente.

— Pois, é esse o maldito problema. — Trigger sentou-se. Era um homem atraente, de cabelos castanhos repletos de madeixas grisalhas e uma cicatriz no joelho esquerdo resultante de uma operação ao menisco. Quando ela se deitou de costas e puxou a perna direita em direção ao nariz, ele sorriu-lhe. — Estás com bom aspeto, Ro. Como foi o teu inverno?

— Atarefado. — Rowan repetiu o alongamento na perna esquerda. — Estava desejosa de regressar, para ver se tenho algum descanso.

Ele riu-se. — Como está o teu pai?

— Rijo como um pero. — Rowan sentou-se e dobrou o seu corpo curvilíneo ao meio. — Nesta altura do ano fica sempre um bocado melancólico. — Fechou os olhos azuis-claros e puxou as pontas dos pés em direção ao topo da cabeça. — Ele sente falta do reencontro sazonal com os colegas, mas o negócio não lhe deixa tempo para matutar.

— Não somos as únicas pessoas a gostar de saltar de aviões.

— E as restantes pagam bem para isso. Na semana passada tivemos um bom salto. — Rowan abriu as pernas num V amplo, agarrou nos dedos dos pés e dobrou-se novamente para a frente. — Um casal resolveu comemorar o quinquagésimo aniversário de casamento com um salto. No final, deram-me uma garrafa de champanhe francês de gorjeta.

Trigger deixou-se ficar sentado onde estava e viu-a levantar-se para

efetuar a sua primeira saudação ao Sol. — Continuas a dar essas aulas *hippies*?

Com movimentos fluidos, Rowan passou da posição de cão que olha para cima para a de cão que olha para baixo e virou a cabeça para dirigir um olhar compassivo a Trigger. — Chama-se ioga, velhote. E, sim, continuo a dar algumas aulas fora da época de combate aos incêndios. Ajuda-me a manter a forma. E tu?

— Eu acumulo gordura. Assim tenho mais para queimar quando começa o trabalho a sério.

— Se esta temporada for tão branda como a última, vamos todos engordar. Viste o Cartas? Parece que não se absteve de repetir nenhum prato este inverno.

— Arranjou mulher nova.

— A sério? — Mais solta, Rowan acelerou o ritmo e acrescentou flexões.

— Conheceu-a na secção de congelados de um supermercado em outubro, e mudou-se para casa dela na noite da passagem de ano. Ela tem dois filhos. É professora.

— Professora? Filhos? O Cartas? — Rowan abanou a cabeça. — Tem de ser amor.

— Tem de ser alguma coisa. Ele disse-me que ela e os miúdos são capazes de vir no final de julho para passarem cá o resto do verão.

— Parece ser sério. — Rowan fez uma torção e fitou Trigger enquanto mantinha a posição. — Ela deve ser muito especial. Ainda assim, seria melhor ele ver primeiro se ela aguenta uma temporada. Uma coisa é envolver-se com um bombeiro-paraquedista no inverno. Outra, é estar com ele durante o verão. Muitas relações não resistem — acrescentou ela, arrependendo-se do comentário quando viu entrar Matt Brayner.

Não o via desde o funeral de Jim e embora tivesse falado com a sua mãe algumas vezes, não sabia como ele iria regressar ao serviço.

Parecia mais velho, pensou ela. Mais envelhecido em torno dos olhos e da boca. E estava impressionantemente parecido com o irmão, com o aquele cabelo louro oxigenado e os mesmos olhos azuis-claros. Matt olhou primeiro para Trigger e depois para ela. Rowan perguntou-se o quanto lhe teria custado o sorriso que lhe dirigiu.

— Como vai isso?

— Muito bem. — Ela endireitou-se e secou as palmas das mãos nas

calças do fato de treino. — Estou só a tentar relaxar um bocado antes da prova física.

— Pensei em fazer o mesmo... ou lixar-me para isto e ir à cidade comer uma dose dupla de panquecas.

— Comemo-las depois da corrida. — Trigger aproximou-se e estendeu uma mão. — É bom rever-te, saloio.

— Igualmente.

— Vou beber um café. Já não deve faltar muito para virem buscar-nos.

Quando Trigger saiu, Matt pegou num peso de nove quilos e voltou a pousá-lo no chão. — Acho que vai ser muito estranho... pelo menos durante algum tempo.

— Ninguém vai esquecer o que aconteceu. Estou feliz por estares de volta.

— Eu não sei se estou, mas não sabia o que fazer. Seja como for, queria agradecer-te por teres mantido o contacto com a minha mãe. É muito importante para ela.

— Quem me dera... Bem, se os desejos fossem cavalos, eu organizava um rodeio. Ainda bem que voltaste. Vemo-nos na carrinha.

Ela entendia o que Matt estava a sentir, como não podia deixar de ser. Era o que sentiam os homens e as quatro mulheres, incluindo ela própria, que entravam nas carrinhas que os levariam para a linha de partida. Rowan instalou-se e ignorou as zombarias e as fanfarronadas ao seu redor.

Muitos insultos sobre peso ganho durante o inverno e os ainda mais populares comentários acerca das barrigas volumosas. Rowan fechou os olhos e tentou abstrair-se de tudo, enquanto os nervos latentes nos disparates divertidos que cruzavam a carrinha tentavam penetrar e unir esforços com os seus.

Janis Petrie, uma das quatro mulheres da unidade, sentou-se ao seu lado. Devido à sua baixa e compacta constituição física, havia sido apelidada de Duende, e parecia sempre uma animada chefe de claque.

Naquela manhã, as suas unhas exibiam um verniz rosa-choque e os lustrosos cabelos castanhos saltitavam num rabo de cavalo preso com um círculo de borboletas.

Era bonita como uma goma colorida, tinha tendência para rir baixinho e era capaz de trabalhar com uma motosserra durante catorze horas seguidas.

— Estás pronta para a ação, Sueca?

— Completamente. Por que te maquilhaste tu para esta prova maldita?

Janis oscilou as longas e exuberantes pestanas. — Para estes pobres homens terem alguma coisa bonita para apreciar quando tombarem sobre a linha de meta. Porque eu vou chegar lá primeiro.

— Tu és rápida como um raio.

— Pequena, mas poderosa. Já viste os recrutas?

— Ainda não.

— Seis são mulheres. Somos capazes de conseguir formar um belo grupo de costura. Ou um clube de leitura.

Rowan riu-se. — E depois organizamos uma venda de bolos beneficente.

— De queques. Os queques são o meu ponto fraco. Esta zona é tão bonita... — Janis inclinou-se um pouco para a frente para ver melhor a paisagem através da janela. — Sinto sempre saudades disto e pergunto-me sempre por que diabo estarei a viver na cidade e a fazer fisioterapia, num clube de campo, a tipos com cotovelo de tenista. — Exalou com força. — E em julho, pergunto-me o que estou eu a fazer aqui, noites a fio sem dormir, com o corpo todo dorido, quando podia estar a desfrutar da minha pausa de almoço na piscina.

— Missoula é muito diferente de San Diego.

— Podes crer. Tu não sentes esse conflito. Vives aqui. Para a maior parte da equipa, isto é como um regresso a casa. Até acabar a época e voltarmos para casa e sentirmos que é essa a nossa casa. Isto pode provocar um curto-circuito na nossa cabeça. — Quando a carrinha parou, Janis revirou os cálidos olhos castanhos em direção a Rowan. — Cá vamos nós outra vez.

Rowan saiu do veículo e inspirou profundamente. O ar cheirava bem, a fresco e novo. A primavera, com o seu verdor, as suas flores silvestres e brisas suaves, não estava longe. Observou as bandeirolas que marcavam o percurso, enquanto o chefe da base, Michael Little Bear, explanava os requisitos.

A sua longa trança negra deslizava sobre o blusão vermelho-vivo. Rowan sabia que ele tinha um saco de rebuçados no bolso, em substituição dos cigarros que havia deixado de fumar durante o inverno.

L. B. e a família viviam muito perto da base e a sua mulher trabalhava para o pai de Rowan.

Todos conheciam as regras. Ou realizavam o percurso em menos de vinte e dois minutos e meio, ou estavam fora. Podiam tentar novamente uma semana depois. Se voltassem a falhar... tinham de procurar outro emprego de verão.

Rowan fez uns alongamentos: tendões do jarrete, quadríceps, barrigas das pernas.

— Odeio esta merda — disse ele.

— Vais conseguir. — Rowan deu-lhe uma cotovelada na barriga. — Pensa que tens uma piza de carne à tua espera do outro lado da meta.

— Vai-te lixar!

— Agora não, que não tenho tempo.

Ele soltou uma gargalhada ruidosa enquanto todos se alinhavam na linha de partida.

Rowan acalmou-se. Concentrou-se mental e fisicamente, enquanto L. B. regressava para a carrinha. Quando esta partiu, os corredores puseram-se em marcha. Rowan ligou o cronómetro do seu relógio e juntou-se ao restante grupo. Conhecia cada elemento; havia trabalhado com eles, suado com eles, arriscado a vida com eles. E desejava boa sorte e uma boa corrida a todos eles.

Mas durante os vinte e dois minutos e meio seguintes, seria cada um por si.

Rowan atacou, acelerando o ritmo e correndo o mais depressa possível para, de um modo muito lato, salvar a sua vida. Abriu caminho pelo meio do grupo e, tal como outros, gritou palavras de encorajamento ou de chacota, o que melhor resultasse para incitar os companheiros. Ela sabia que ia haver joelhos doridos, peitos ofegantes, estômagos embrulhados. O treino da primavera teria tonificado alguns e piorado a situação de outros.

Não podia pensar nisso naquele momento. Concentrou-se nos primeiros mil e quinhentos metros e, quando passou pela marca, reparou que tinha demorado quatro minutos e doze.

Mais mil e quinhentos, pensou ela, e manteve a sua passada, o seu ritmo, mesmo quando Janis a ultrapassou com um sorriso provocador. O ardor subiu-lhe dos dedos dos pés para os tornozelos e chegou às barrigas das pernas. O suor quente escorria-lhe pelas costas, pelo peito, sobre o coração galopante.

Ela podia abrandar o ritmo — estava a fazer um bom tempo — mas a preocupação de eventuais quedas, ou de entorses, ou de um qualquer imprevisto acontecer, impelia-a a continuar.

Não abrandes.

Quando passou os três mil metros, já havia superado a sensação de ardor e o suor, e corria mecanicamente. *Mais mil e quinhentos.* Ultrapassava alguns, era ultrapassada por outros, e sentia o pulso a latejar-lhe nos ouvidos. Como no momento que antecedia um salto, fixou o olhar no horizonte: terra e céu. O amor que sentia por ambos ajudou-a a percorrer os últimos mil e quinhentos metros.

Passou ofegante pela última marca e ouviu L. B. gritar o seu nome e tempo. — Tripp! Quinze minutos e vinte!

Rowan correu mais uns vinte metros antes de conseguir convencer as pernas a pararem.

Dobrou-se para a frente, e tentou recuperar o fôlego enquanto fechava os olhos com força. Como sempre, depois de uma prova de preparação física, só lhe apetecia chorar. Não devido ao esforço. Ela — todos eles — enfrentavam situações piores, mais complicadas, mais duras. Mas devido à preocupação que abandonava finalmente a sua mente.

Podia continuar a ser o que queria ser.

Libertou-se então da corrida, voltando à realidade enquanto eram enunciados outros nomes e tempos. Quando Trigger atravessou a meta, saudou-o com um «mais cinco».

Todos os que acabavam a prova mantinham-se junto à meta. Eram de novo uma unidade e desejavam que todos os outros conseguissem concluir dentro do tempo limite. Rowan olhou para o relógio, viu que esse tempo se aproximava e ainda faltavam quatro a atravessarem a meta.

Cartas, Matt, Yangtree — que havia comemorado, ou lamentado, o seu quinquagésimo quarto aniversário no mês anterior — e Gibbons, cujo joelho problemático quase o havia obrigado a coxear nos últimos metros.

Cartas chegou três segundos antes do tempo limite, completamente exausto, com Yangtree no seu encaço. O rosto de Gibbons era a imagem suada do sofrimento e da coragem, mas, aos olhos de Rowan, Matt parecia esforçar-se pouco.

Ele olhou-a nos olhos. Rowan levantou o punho, imaginando-se a arrastá-lo e a Gibbons os poucos passos que faltavam enquanto os segundos se esgotavam. Conseguia visualizá-lo a atravessar a linha de chegada.

Matt chegou aos vinte e dois minutos e vinte e oito segundos, e Gibbons, aos tropeções, meio segundo depois.

Ouviram-se então os gritos de alegria, do triunfo de mais uma temporada.

— Vocês os dois quiseram dar um bocado mais de emoção a isto — disse L. B. baixando o bloco de notas. — Bem-vindos de volta. Têm um minuto para comemorar e depois todos para a carrinha.

— Eh, Ro! — Rowan olhou para Cartas a tempo de o ver virar-se, dobrar-se e baixar as calças. — Faz beicinho!

E cá estamos nós outra vez, pensou ela.

2

Gulliver Curry rebolou para fora do seu saco-cama e fez um balanço da situação. Doía-lhe tudo, concluiu. Mas isso conferia-lhe um equilíbrio funcional.

Cheirava-lhe a neve, e uma espreitadela para fora da tenda confirmou-lhe que, de facto, havia nevado durante a noite. Enquanto vestia as calças, o seu bafo saía em nuvens de vapor. As bolhas que haviam surgido sobre as já existentes transformavam a rotina de se vestir numa... experiência.

Mas ele valorizava a experiência.

No dia anterior, ele, e mais vinte e cinco candidatos a bombeiros-paraquedistas, haviam passado catorze horas a cavar uma linha de corta-fogo na floresta, e essa pequena tarefa fora rematada com uma caminhada de cinco quilómetros com uma mochila de quarenta quilos às costas.

Haviam derrubado árvores com serras manobradas por duas pessoas, caminhado, cavado ferramentas, cavado novamente, caminhado, trepado aos pinheiros mais altos e voltado a cavar mais um bocado.

Era uma espécie de colónia de férias para masoquistas, pensou. Também conhecido como treino de recruta para bombeiros-paraquedistas. Quatro candidatos haviam já desistido, sendo que dois deles nem sequer tinham passado a prova física inicial. Os seus sete anos de

experiência como bombeiro, os últimos quatro num corpo de bombeiros especialistas, conferia alguma vantagem a Gull.

Mas isso não queria dizer que se sentisse fresco como uma alface.

Passou uma mão pelo rosto, arranhando a palma com a barba que não via lâmina há uma semana. Céus, como desejava um banho quente, fazer a barba e beber uma cerveja bem gelada. Naquela noite, depois de uma caminhada repleta de diversão pelas montanhas Bitterroot, desta vez carregando uma mochila de cinquenta quilos, teria direito a tudo isso.

E, no dia seguinte, teria início a próxima fase. No dia seguinte, ia começar a aprender a voar.

Os especialistas treinavam como loucos e trabalhavam como cães, principalmente em incêndios florestais de alta prioridade. Mas não saltavam de aviões. Isso, pensou, seria uma experiência completamente nova. Passou uma mão pela farta cabeleira escura e saiu da tenda para se ver envolvido pela cristalina paisagem nevada da anteaurota.

Os seus olhos, de um verde felino, ergueram-se em direção ao céu e ele permaneceu uns instantes no silêncio, alto e forte, nas suas grossas calças castanhas e garrida camisola amarela. Ali tinha o que queria, ou parte; sabia que podia fazer o que ali tinha ido fazer.

Mediu a altura do pinheiro ponderosa à sua esquerda. Vinte e sete metros, mais coisa menos coisa. Havia escalado aquele mostrengo no dia anterior, cravando os seus ganchos na casca. E lá do alto, preso com grampos e arnês, contemplara a floresta.

Mais uma experiência.

Inalando o aroma a neve e pinho, encaminhou-se para a tenda-cozinha no momento em que o restante acampamento começava a despertar. E apesar das dores e das bolhas — quiçá por causa delas —, estava ansioso por saber o que o dia lhe reservava.

Pouco depois do meio-dia, Gull viu o pinheiro-nodoso tombar. Levantou o capacete de modo a conseguir limpar o suor da testa e anuiu com a cabeça para o companheiro que o ajudava com a serra de corte transversal.

— Mais um por terra.

Com o seu metro e setenta, Dobie Karstain quase falhava a altura mínima exigida. A barba e os longos cabelos castanhos faziam-no parecer um montanhês em ponto pequeno, e os óculos de proteção pareciam acentuar-lhe os olhos esbugalhados.

Dobie pegou numa motosserra. — Vamos escortiná-lo.

Trabalhavam os dois ritmicamente. Gull havia julgado que Dobie seria um fracasso, mas o nativo de Kentucky era mais forte e robusto do que parecia. Ele até gostava bastante de Dobie — apesar do pescoço distintamente vermelho do homem — e estava a tentar atingir um patamar de confiança.

Se Dobie passasse nos testes, muito provavelmente voltariam a serrar e a cavar juntos. Não numa luminosa e límpida tarde de primavera, mas no meio do fogo, onde a confiança e o trabalho de equipa eram tão essenciais como um afiado *Pulaski*, o machado de duas cabeças, com lâmina de escavação e corte.

— Não me importava de tirar uma lasca àquela antes de ela desistir.

Gull olhou para uma das candidatas femininas. — O que te faz pensar que ela vai desistir?

— As mulheres não foram feitas para este tipo de trabalho.

Gull passou a lâmina da serra pelo tronco. — Só para fazerem bebés, é?

Dobie fez um sorriso de orelha a orelha. — Não fui eu que desenhei o modelo. Só gosto de o usar.

— És um idiota, Dobie.

— Há quem diga — concordou Dobie no mesmo tom divertido.

Gull olhou outra vez para a mulher. Era uma loura animada, um ou dois centímetros mais baixa que Dobie. A seu ver, ela ia aguentar tão bem como qualquer um deles. Era professora de esqui em Colorado, recordou. Libby. Tinha-a visto mudar o penso das bolhas naquela manhã.

— Aposto vinte dólares como ela vai chegar ao fim.

Dobie soltou umas risadinhas enquanto cortava outro tronco. — Aceito os teus vinte.

Quando concluíram a tarefa, Gull mudou o penso a algumas das suas bolhas. Depois, como os instrutores estavam ocupados, tratou das novas de Dobie.

Atravessaram o acampamento para irem buscar as mochilas. Faltavam cinco quilómetros, pensou Gull, para concluir aquele dia com o tal duche, o barbear e a cerveja fria.

Sentou-se, pôs a mochila às costas e tirou um pacote de pastilhas. Ofereceu uma a Dobie.

— Já agora... — Juntos, puseram-se de gatas antes de se levantarem. — Imagina-te a carregar uma miúda gira — aconselhou Dobie, com um oscilar de sobranceiras em direção a Libby.

— É demasiado magricela para o meu gosto.

— E quando terminarmos, estará mais ainda.

Quanto a isso, não havia dúvidas, refletiu Gull, e o instrutor não impusera propriamente um ritmo de passeio ao longo do difícil trilho rochoso.

Tinham de se empurrar uns aos outros. Zombavam uns com os outros, encorajavam-se, insultavam-se — tudo para que o grupo desse mais um passo, avançasse mais um metro. O que os estimulava era o facto de faltarem poucas semanas para tudo se tornar real. E, na linha de corta-fogo, a vida de cada um deles dependia de outro.

— O que fazes no Kentucky? — perguntou Gull a Dobie enquanto um falcão gritava acima deles e o odor do suor do grupo competia com o aroma do pinho.

— Faço uns biscates. Nas últimas três temporadas, estive a apagar fogos no parque nacional. Uma noite, depois de termos conseguido extinguir um, embebedei-me um bocado e apostei que me tornaria bombeiro-paraquedista. Por isso inscrevi-me e aqui estou.

— Estás a fazer isto por causa de uma aposta? — A ideia parecia-lhe completamente ridícula.

— Centenas de dólares em jogo. E o meu orgulho, que vale ainda mais. Alguma vez saltaste de um avião?

— Sim.

— É preciso ser doido.

— Há quem diga — disse Gull, utilizando as palavras de Dobie.

— Qual é a sensação de estarmos a cair?

— É como estarmos a fazer sexo escaldante com uma bela mulher.

— Estava com esperança que fosse. — Dobie ajeitou a mochila e fez uma careta. — Porque é melhor que este maldito treino valha para alguma coisa.

— A Libby está a aguentar-se.

— Quem?

Gull levantou o queixo. — A tua aposta mais recente.

Dobie cerrou os dentes quando começaram a subir mais uma encosta. — O dia ainda não chegou ao fim.

Quando chegou, Gull tomou o seu duche, fez a barba e conseguiu beber uma cerveja antes de tombar para cima do seu beliche.

*

Michael Little Bear intercetou Rowan a caminho do ginásio. — Preciso que assumas o treino dos recrutas esta manhã. O Cartas estava encarregue disso, mas está a vomitar as entranhas na casa de banho.

— Ressaca?

— Não. Deve ser uma gastroenterite, ou coisa do estilo. Preciso que os orientes no terreno. Pode ser?

— Claro. Já estou no terreno com o Yangtree, no simulador. Aguento bem passar um dia com os recrutas. Quantos temos?

— Restam vinte e cinco, e parecem-me bastante bons. Um deles bateu o recorde do circuito dos dois mil e quinhentos metros da base, com o tempo de seis minutos e trinta e nove segundos.

— Pé veloz. Veremos como o resto dele se comporta hoje.

Rowan retirou trinta minutos aos noventa que havia planeado passar no ginásio. Acompanhar os candidatos ao longo do percurso de obstáculos compensaria esse tempo e livrá-la-ia da tarefa de costurar sacos de material na sala de manufatura.

Era um ótimo negócio, pensou Rowan enquanto calçava as botas.

Agarrou na documentação, num bloco de notas, numa garrafa de água e saiu depois de colocar um boné azul na cabeça.

As nuvens haviam chegado durante a noite e mantido a temperatura agradavelmente amena. A base formigava de atividade — corredores na pista ou na estrada, camiões a descarregar mantimentos, homens e mulheres a passarem de uns edifícios para outros. Um avião partiu com um grupo para um salto de treino de pré-temporada.

Muito antes de soar a sirene dos incêndios, havia trabalho que exigia atenção: costurar sacos e enchê-los com material, desmontar equipamento, treinar, acondicionar paraquedas.

Rowan pôs-se a caminho do campo de treino e parou quando se cruzou com Matt.

— Que fazes? — perguntou-lhe ele.

— Treino dos iniciantes. O Cartas está de cama com um problema qualquer de estômago. E tu?

— Esta tarde vou para cima. — Olhou para o céu no momento em que o bimotor levantava voo. — Vou passar a manhã com o supervisor de carga. — Sorriu. — Queres trocar?

— Hum.... Ficar enfiada numa sala a carregar mantimentos em vez de estar aqui fora a torturar recrutas? Nem pensar.

— Já calculava.

Rowan prosseguiu e reparou que os instruendos começavam a reunir-se no campo de treino. Havia chegado de uma semana de acampamento e construção de linhas de corta-fogo e, se tivessem alguma inteligência, ter-se-iam focado em obter uma boa noite de sono.

Os que o haviam feito sentir-se-iam provavelmente bastante revigorados naquela manhã.

Ela trataria de mudar isso.

Alguns deambulavam pelo percurso de obstáculos, tentando avaliar o grau de dificuldade. Uma atitude inteligente, ajuizou ela. Conhecer o inimigo. Vozes e risos pairavam no ar. Estavam a tentar animar-se, o que também era uma atitude inteligente.

O percurso de obstáculos era um caso sério, e apenas o início de um dia longo e brutal. Rowan olhou para o relógio enquanto se deslocava pelo meio das plataformas de madeira e ocupava o seu lugar no campo.

Bebeu um gole rápido da garrafa de água, pôs-a e emitiu um longo e estridente assobio. — Alinhem-se! — gritou ela. — Sou Rowan Tripp, a vossa instrutora neste passeio matinal. Cada um de vocês terá de completar este percurso antes de passar ao exercício seguinte. As canções à beira da fogueira e os cogumelos assados da semana passada acabaram-se. Chegou a hora da verdade.

Rowan recebeu alguns gemidos, algumas risadinhas e uns olhares nervosos enquanto avaliava o grupo. Vinte e um homens, quatro mulheres, diferentes estaturas, formas, cores, idades. A sua função era dar-lhes um objetivo.

Suportar a dor.

Consultou o bloco de notas, fez a chamada e colocou um visto nos nomes dos que tinham conseguido chegar até ali. — Ouvi dizer que um de vocês quebrou o recorde da base na corrida dos dois mil e quinhentos metros. Quem é o relâmpago?

— Vai, Gull! — gritou alguém, e ela viu um tipo baixinho acotovelar o homem que estava ao seu lado.

Cerca de um metro e noventa, calculou ela; cabelo escuro limpo e desgrenhado, sorriso pretensioso, postura descontraída. — Gull Curry — disse ele. — Gosto de correr.

— Que bom para ti. A velocidade não te vai valer de nada aqui neste campo. Façam alongamentos, recrutas. Não quero ninguém a chorar com distensões musculares.

Rowan constatou que já formavam uma unidade, haviam estabelecido relações entre si. Amizades, rivalidades... ambas podiam ser úteis.

— Cinquenta flexões — ordenou ela, anotando os nomes dos que as iam completando. — Vou orientar-vos ao longo deste percurso, a começar por aqui. — Apontou para a plataforma baixa de quadrados horizontais, passou para os íngremes muros de aço que teriam de ultrapassar, para as cordas que teriam de trepar, mão sobre mão, para os trampolins e, finalmente, para as rampas. — Cada um destes obstáculos simula algo que vocês enfrentarão durante um incêndio. Assim que conseguirem ultrapassar um, passam ao seguinte. Se não conseguirem, estão fora. Se terminarem o percurso, talvez sejam suficientemente bons para saltarem sobre fogo.

— Não é propriamente o Dia de São Crispim.

— Quem? — perguntou Dobie ao ouvir o comentário de Gull.

Gull limitou-se a encolher os ombros e, pelo olhar de soslaio que a loura boazona lhe dirigiu, percebeu que ela tinha ouvido o comentário.

— Tu, Pé Veloz, podes ser o primeiro. Os restantes, sigam-no. Fila indiana. Se caírem, saiam imediatamente do caminho e voltem para o fim da fila para tentarem outra vez. — Rowan tirou um cronómetro do bolso. — Estão prontos? — O grupo gritou afirmativamente em resposta e ela pôs o cronómetro a contar. — Partir!

OK, pensou Rowan, pés velozes e ágeis.

— Levantem essas pernas! — gritou ela. — Quero ver mais energia! Por amor de Deus, parecem umas raparigas a passearem no parque!

— Eu sou rapariga! — exclamou uma loura de olhar duro, fazendo Rowan sorrir abertamente.

— Então levanta-me essas pernas! Finge que estás a dar uma joelhadada nos tomates de um destes imbecis!

Rowan acompanhava Gull, e retrocedeu enquanto ele corria para ultrapassar a primeira rampa.

Depois o baixinho surpreendeu-a ao lançar-se sobre a rampa como se fosse um canhão.

Os instruendos treparam, saltaram obstáculos, rastejaram. L. B. estava certo, concluiu ela. Era, de facto, um grupo muito bom.

Rowan viu Gull executar as cambalhotas exigidas no trampolim e ouviu o baixinho — precisava de conferir o nome dele — soltar um grito efusivo quando conseguiu fazer o mesmo.

Pé Veloz continuava na frente, pensou ela, e naquele momento trepava a corda como um macaco trepava uma bananeira.

A loura tinha recuperado terreno, mas, ao chegar à corda, não só começou a perder tempo, como a escorregar.

— Não te atrevas a escorregar! — vociferou Rowan. — Não escorregues, Barbie! Não te atrevas a envergonhar-me! Queres começar tudo do zero?

— Não. Meu Deus, não!

— Queres ser bombeira-paraquedista, ou voltar para casa e dedicares-te às compras?

— As duas coisas!

— Sobe essa corda! — Rowan viu sangue na corda. Um resvalo havia esfolado as palmas das mãos e a dor era enorme. — Sobe!

A rapariga subiu... doze metros torturantes.

— Desce e põe-te a andar. Vai! Vai!

A rapariga desceu, e quando se lançou sobre o muro seguinte, deixou um rasto de sangue na rampa.

Mas conseguiu. Todos haviam conseguido, pensou Rowan, e deu-lhes um momento para recuperarem o fôlego, para gemerem, para massajarem os músculos doridos.

— Nada mal. Da próxima vez que tiverem de subir uma corda, ou de escalar um muro, pode ser porque o vento mudou e o fogo tenha invadido a vossa zona de segurança. Terão de fazer melhor do que «nada mal». Como te chamas... Barbie?

— Libby. — A loura pousou as mãos ensanguentadas nos joelhos, palmas viradas para cima. — Libby Rydor.

— Qualquer um que tenha conseguido subir uma corda com as mãos ensanguentadas saiu-se melhor que «nada mal». — Rowan abriu o *kit* de primeiros socorros. — Vamos tratar disso. Se mais alguém fez dói-dóis, trate deles e depois vá lá dentro buscar o seu equipamento. O equipamento completo, — acrescentou ela, — para treinar aterragens. Têm meia hora.

Gull viu-a aplicar pomada nas palmas de Libby e enfaixá-las com competência. Depois disse alguma coisa que fez Libby rir — e aquelas mãos tinham de doer forçosamente.

Ela conseguira incitar o grupo a concluir o percurso, utilizando a combinação certa de insultos cruéis e repreensões. E havia-se concentrado nalguns deles, quando tinham tido dificuldade, e dito as palavras certas no momento certo.

Era uma capacidade impressionante, e que ele admirava.

Podia acrescentá-la ao que mais admirava nela.

Aquela loura, que teria certamente mais de um metro e setenta e cinco de altura, era bem constituída. O tio dele tê-la-ia apelidado de es-cultural, refletiu Gull. Quanto a ele, diria simplesmente que aquele corpo era um arraso. E acrescentando os enormes olhos azuis e um rosto que fazia qualquer homem querer olhar duas vezes, e talvez observar mais atentamente uma terceira, tinha-se um pacote de primeira.

Um pacote com personalidade forte. E Deus sabia o quanto lhe custava resistir a mulheres com personalidade forte. Por isso, Gull esperou que ela atravessasse o campo e abordou-a.

— Como estão as mãos da Libby?

— Ela vai ficar bem. Toda a gente perde um bocado de pele no campo de treinos.

— Também perdeste?

— Se não sangras, como podem saber que lá estiveste? — Rowan inclinou a cabeça e estudou-o com olhos que o fizeram pensar no assombroso gelo do Ártico. — De onde saíste tu, Shakespeare? Eu li o *Henrique V*.

— De Monterey, essencialmente.

— Existe uma ótima unidade de bombeiros-paraquedistas no Norte da Califórnia.

— Pois existe. Conheço-os quase todos. Trabalhei cinco anos no IHC de Redding.

— Bem me parecia que devias ser especialista. Então és procurado na Califórnia e resolveste fugir para Missoula?

— As acusações foram retiradas — disse ele, fazendo-a sorrir. — Estou em Missoula por causa do Homem de Ferro Tripp. — Ela parou e ele também. — Calculo que seja teu pai.

— Exatamente. Conhece-lo?

— Claro. Lucas Tripp, o Homem de Ferro, é uma lenda. Tiveram um incêndio de grandes proporções aqui, em 2000.

— Pois.

— Eu estava na faculdade. Apareceu em todos os noticiários e eu apanhei uma entrevista com o Homem de Ferro, aqui mesmo na base, quando ele e a sua unidade regressaram dos quatro dias que haviam passado no meio das chamas. — Gull rememorou o que havia visto. — Ele tinha a cara coberta de fuligem, o cabelo cheio de cinzas e os olhos

vermelhos. Parecia que tinha regressado da guerra, o que não deixa de ser verdade. O jornalista fazia-lhe as habituais perguntas idiotas, «Qual é a sensação de se estar no meio do fogo? Teve medo?», e ele mostrava-se paciente. Era evidente que estava exausto, mas ia respondendo. Finalmente, diz ao tipo: «Rapaz, a maneira mais simples de pôr a coisa é que o sacana tentou comer-nos e nós demos cabo dele.» E foi-se embora.

Rowan lembrava-se tão nitidamente como ele... e lembrava-se de muito mais. — E é por causa disso que estás em Missoula e queres saltar sobre fogo?

— Considera-o uma rampa de lançamento. Eu podia contar-te o resto da história diante de uma cerveja.

— Vais estar demasiado ocupado para cervejas e histórias de vida. É melhor ires buscar o teu equipamento. Ainda tens um longo caminho a percorrer.

— A oferta da cerveja continua de pé. A história de vida é opcional.

Ela dirigiu-lhe outra vez aquele olhar gélido, inclinou ligeiramente a cabeça e esboçou um pequeno sorriso com os lábios que ele considerava sensualmente carnudos. — Não é boa ideia atirares-te a mim, especialista. Eu não me envolvo com recrutas, nem com quaisquer companheiros de trabalho. Quando tenho tempo e vontade para... me entreter, procuro um civil. Alguém com quem possa brincar, quando me apetece, durante as longas noites de inverno, e esquecer durante a época de incêndios.

Oh, sim, ele gostava de personalidades fortes. — Talvez tenhas de mudar o ritmo.

— Estás a perder o teu tempo, novato.

Quando ela se afastou com o bloco de notas na mão, ele sorriu de orelha a orelha. O tempo era seu, podia gastá-lo como bem entendesse. E ela parecia-lhe ser uma experiência verdadeiramente única.

Gull foi içado por um cabo, para ser largado ao chão outra vez, e sobreviveu. O simulador, que não era propriamente simpático, dava uma ótima ideia do forte impacto do corpo contra o solo aquando de uma aterragem de paraquedas.

Gull embateu no solo, encolheu-se, tombou e rebolou, e conseguiu assim mais alguns inchaços e nódoas negras. Aprendeu a resguardar a cabeça, a usar o corpo para se proteger. E a conseguir pensar quando a terra estava a aproximar-se dele a uma velocidade estonteante.

Enfrentou a torre, escalando os seus quinze metros de um vermelho assassino com a sua companheira de salto naquele exercício.

— Como estás? — perguntou ele a Libby.

— Sinto-me como se tivesse caído de uma montanha, por isso não estou assim tão mal. E tu?

— Não sei bem se caí da montanha, ou em cima dela. — Quando chegou à plataforma, Gull sorriu para Rowan. — Isto é tão divertido como parece?

— Oh, muito mais — disse ela com sarcasmo enquanto o enganchava na roldana. — Aquele é o teu ponto de aterragem. — Rowan apontou para um monte de serragem do outro lado do campo de treino. — Vais ser levado com alguma velocidade, por isso vais sentir o embate quando aterrares. Agacha-te, protege a cabeça e rebola.

Gull estudou o monte através das barras da máscara protetora. Daquela distância, parecia-lhe muito pequeno.

— Entendi.

— Estão preparados? — perguntou Rowan aos dois.

Libby respirou fundo. — Estamos.

— Vamos a isso!

Sim, aquilo tinha realmente velocidade, pensou Gull enquanto voava através do campo de treino. Mal teve tempo para recordar a lista dos procedimentos de aterragem e o monte de serragem já lhe enchia o campo de visão. Embateu com força, pensou «*merda!*», encolheu-se e rebolou com uma mão de cada lado do capacete.

Enquanto tentava recuperar o fôlego, olhou para Libby. — Estás bem?

— Desta vez, aterrei definitivamente em cima da montanha. Mas, sabes que mais? Foi divertido! Tenho de repetir.

— O dia ainda é uma criança. — Gull ergueu-se e estendeu uma mão para a ajudar a levantar-se.

Depois da torre veio a aula. Os anos que ele havia passado num corpo de bombeiros especialistas faziam com que a maior parte dos livros, dos diagramas e das palestras servissem essencialmente para lembrar o que já sabia. Mas havia sempre mais alguma coisa para aprender.

Depois da aula houve, finalmente, tempo para tratar dos inchaços e das nódoas negras, para procurar uma refeição quente e conviver um pouco com os outros candidatos. Estavam reduzidos a vinte e dois, reparou Gull. Havia perdido três entre o simulador e a torre.

Mais de metade dos que ainda resistiam resolveu retirar-se para o alojamento e Gull pensou fazer o mesmo. A partida de póquer que se jogava naquele momento estava a tentá-lo, por isso resolveu fazer um pacto consigo mesmo. Iria apanhar ar, e se a vontade não passasse, jogaria um par de mãos.

— Puxa uma cadeira, pá — disse Dobie quando Gull passou pela mesa. — Quero engordar a minha conta-poupança para a reforma.

— Aterra de cabeça mais algumas vezes e vais reformar-te antes da hora.

Gull continuou a andar. Lá fora, a chuva que havia ameaçado cair o dia todo tombava fria e ininterruptamente. Gull enfiou as mãos nos bolsos, saiu e virou em direção ao distante hangar. Talvez fosse até lá dar uma olhadela ao avião do qual saltaria em breve.

Havia saltado três vezes antes de se inscrever no programa, apenas para garantir que tinha coragem para o fazer. Agora estava ansioso, desejoso de voltar a vivenciar aquela sensação, de desafiar os seus próprios instintos e lançar-se em céu aberto.

Ele havia estudado os aviões — o Twin Otter, o DC-9 —, os mais comumente usados pelos bombeiros-paraquedistas. Andava a pensar ter aulas de voo fora da época de incêndios e, quiçá, tentar tirar a licença de piloto. Era sempre bom saber que se podia assumir o controlo, se tal fosse necessário.

Então viu-a avançar a passos largos na sua direção debaixo da chuva. A escuridão e o mau tempo não desvaneciam aquele corpo. Gull abrandou o passo. Talvez não precisasse de jogar póquer para aquela ser a sua noite de sorte.

— Noite agradável — disse ele.

— Para as lontras. — A chuva escorria da pala do boné de Rowan enquanto ela o observava. — A tentar fugir?

— Não, vim só dar uma volta. Mas tenho carro, se quiseres ir a algum lado.

— Tenho o meu próprio veículo, obrigada, mas não vou a lado nenhum. Saíste-te bem, hoje.

— Obrigado.

— Uma pena o que aconteceu ao Doggett. Má aterragem, e a fissura no osso põe-no fora do programa. Calculo que tente no próximo ano.

— Ele quer mesmo isto — concordou Gull.

— É preciso mais do que vontade, mas é preciso tê-la para conseguir.

— Estava agora mesmo a pensar nisso.

Rowan soltou uma gargalhada e abanou a cabeça. — As mulheres nunca te dizem não?

— Infelizmente, dizem. Mas um homem que desiste facilmente nunca ganha o prémio.

— Acredita que eu não sou prémio nenhum.

— Tens o cabelo de um centurião romano, o corpo de uma deusa e a cara de uma rainha nórdica. É um pacote impressionante.

— O pacote não é nenhum prémio.

— Pois não, não é. Mas faz-me querer abri-lo para ver o que tem lá dentro.

— Um feitio desgraçado, muito pouca paciência para conversas da treta e uma grande paixão por apagar fogos. Faz a ti mesmo um grande favor, especialista, e vai abrir outro pacote.

— Eu tenho um problema de... foco. Quando me foco numa coisa, não consigo desistir até conseguir decifrá-la por completo.

Rowan encolheu os ombros, mas ele reparou que o observava com atenção. — Não há nada para decifrar.

— Oh, não sei — disse ele, quando ela entrou no alojamento. — Já consegui que desses um passeio comigo debaixo de chuva.

Com uma mão na porta, Rowan virou-se e dirigiu-lhe um olhar compassivo. — Não me digas que há um romântico aí.

— Talvez.

— Então é melhor teres cuidado. Eu posso usar-te simplesmente porque estás à mão e depois despedaçar esse coração romântico.

— No meu quarto, ou no teu?

Ela riu-se, uma gargalhada repleta de erotismo que o atingiu diretamente no baixo-ventre, e depois bateu-lhe, pelo menos metaforicamente, com a porta na cara.

Diabos a levassem se ele não havia mexido um bocado com ela, admitiu Rowan. Gostava de homens confiantes, que tinham tomates, inteligência e habilidade para sustentar essa confiança. Isso, a acrescentar ao modo lascivo com que ele a observava, pleno de desejo e de uma paciência inesgotável, haviam-lhe despertado a libido.

Mas dar seguimento a esse impulso seria um erro, lembrou a si mesma antes de bater levemente à porta de Cartas. Interpretou o grunhido do amigo como permissão para espreitar.

Pareceu-lhe um pouco pálido, muito enfadado e bastante rabugento. — Como te sentes?

— Merda, estou bem. Apanhei um bicho qualquer no estômago hoje de manhã. Vomitei-o juntamente com alguns órgãos internos. — Sentou-se na cama, com um baralho de cartas aberto à sua frente. — Estive algum tempo na sala de manufatura e o jantar aguentou-se bem cá dentro. Vou levar a coisa com calma até amanhã. Obrigado por me teres substituído.

— De nada. Estamos reduzidos a vinte e dois. Um deles teve de abandonar devido a ferimento. Acho que voltaremos a vê-lo. Então, até amanhã.

— Eh, queres ver este truque de cartas? É bom — disse ele antes que ela recusasse.

Ele estava cansado da própria companhia, percebeu ela, e, cedendo à amizade que os unia, sentou-se diante dele na cama.

Além disso, assistir a alguns truques de cartas aborrecidos ajudá-la-ia a adormecer melhor, em vez de pensar no passeio à chuva com Gulliver Curry.

3

Gull alinhou-se diante da sala dos pilotos com os restantes candidatos. Do outro lado do asfalto, o avião que os levaria para o primeiro salto já rugia e os nervos começavam a fazer-se sentir.

Os instrutores procediam à inspeção do material. Gull pensou que estava com sorte quando viu Rowan aproximar-se. — O teu material já foi verificado?

— Não.

Rowan ajoelhou-se e ele admirou a forma como os cabelos louros lhe esculpiam a cabeça. Ela verificou-lhe as botas, os estribos e foi subindo — bolsos das calças, correias das pernas —, verificou o prazo de validade e os pinos de fixação do paraquedas de reserva.

— Cheiras a pêssego. — Ela olhou para ele de relance. — É agradável.

— Correia de reserva inferior esquerda presa — disse ela, continuando a revistá-lo sem tecer comentários. — Correia de reserva inferior direita presa. Concentra-te, Pé Veloz — acrescentou ela, seguindo com a lista. — Se escapar algum detalhe a um de nós, podes acabar esborrachado no chão. Capacete, luvas. Tens a corda de descida?

— Sim.

— Estás pronto para avançar.

— E tu?

— Eu já fui revistada, obrigada. Podes embarcar. — Rowan avançou para o candidato seguinte.

Gull subiu para o avião e sentou-se no chão ao lado de Dobie.

— Estás a pensar atirar-te àquela louraça? — perguntou Dobie. — A quem chamam Sueca?

— Um tipo tem de sonhar. Estás cada vez mais perto de me ficar a dever vinte dólares — acrescentou Gull quando Libby entrou.

— Merda. Ela ainda não saltou. Aposto dez agora em como ela não vai conseguir.

— Dez dólares dão sempre jeito.

— Bem-vindos a bordo — anunciou Rowan. — Por favor, coloquem os vossos assentos na posição vertical. Hoje, o tempo de voo vai depender de quantos de vós se vão pôr a chorar como bebés quando estiverem na porta. O Gibbons fará o reconhecimento do terreno. Prestem atenção! Mantenham a concentração! Estão prontos para saltar?

A resposta foi uma estrondosa ovação.

— Vamos a isso.

O bimotor avançou pela pista, ganhou velocidade e ergueu o nariz. Quando levantaram voo, Gull sentiu um pequeno nó no estômago. Viu Rowan — que, na sua opinião, estava extremamente *sexy* no seu macacão — erguer a voz para se fazer ouvir acima do ruído dos motores e, uma vez mais, recapitular cada passo do salto que se avizinhava.

Gibbons passou-lhe uma nota da cabina do piloto.

— Ali está o vosso local de aterragem — disse-lhes ela, e todos os candidatos se aproximaram de uma janela.

Gull observou o extenso prado, bonito como um quadro, os altos abetos, os pinheiros-nodosos, o brilho de um ribeiro. O seu objetivo — assim que se lançasse no céu — seria cair sobre o prado, evitando as árvores e a água. Ele seria o dardo e queria acertar em cheio no alvo.

Quando Gibbons apareceu, Rowan gritou para que todos resguardassem os seus paraquedas de reserva. Gibbons agarrou no manípulo da porta, abriu-a e o avião foi invadido por uma corrente de ar frio com perfume a primavera.

— Merda! — ciciou Dobie por entre dentes cerrados. — Vamos mesmo fazer isto! Agora é a sério! Não se aceitam substitutos.

Gibbons colocou a cabeça de fora, e trocou informações com a cabina do piloto através dos seus auscultadores. O bimotor inclinou para a direita, deu um solavanco e nivelou.

— Observem as fitas! — gritou Rowan. — É o que vai acontecer convosco!

As fitas chicotearam e giraram, voando em círculos pelo céu azul-claro, até se embrenharem na densa linha de árvores.

Gull ajustou o seu salto em pensamento, puxou mentalmente os botões tendo em conta o rumo do vento. E voltou a ajustá-los enquanto observava a queda de um segundo conjunto de fitas.

— Sobe! — gritou Gibbons para o piloto.

Dobie enfiou uma pastilha elástica na boca antes de colocar o capacete e ofereceu uma a Gull. Por detrás da máscara, os olhos de Dobie estavam grandes como planetas. — Estou a sentir-me um bocado enjoado.

— Espera chegares lá abaixo para vomitares — aconselhou Gull.

— Libby, és a segunda a saltar. — Rowan colocou o seu próprio capacete. — Segues-me até lá abaixo. Entendido?

— Entendido.

Após o sinal de Gibbons, Rowan sentou-se com as pernas para fora da porta e preparou-se. O avião encheu-se de gritos de incentivo a Libby, mãos enluvadas aplaudiam em encorajamento enquanto ela assumia o seu lugar atrás de Rowan.

Então a mão de Gibbons bateu no ombro de Rowan e ela desapareceu.

Gull viu-a voar; não conseguia desviar os olhos dela. A tela azul e branca disparou subitamente e abriu-se. Uma beleza de encontro àquele azul-celeste, sobre os verdes, os castanhos e o brilho da água...

Os gritos de entusiasmo trouxeram-no de volta. Havia perdido o salto de Libby, mas viu o seu paraquedas abrir e ajustou-se de modo a conseguir manter ambos os paraquedas na sua linha de visão enquanto o avião se afastava.

— Parece que me deves dez dólares.

Dobie fitou-o com diversão. — Acrescenta um *pack* de cervejas em como eu me saio melhor do que ela. Melhor do que tu.

Depois de o avião completar um círculo, Gibbons olhou Gull nos olhos e fitou-os por um momento. — Estás preparado?

— Estamos preparados.

— Enganchar! — disse Gibbons, e Gull avançou e fixou a sua corda. — Para a porta!

Gull controlou a respiração e sentou-se à porta.

Ouviu as orientações de Gibbons a respeito da corrente e do vento enquanto o ar lhe açoitava as pernas. Verificou o equipamento enquanto o avião completava o círculo final antes de nivelar e manteve o olhar fixo no horizonte.

— Prepara-te — disse-lhe Gibbons.

Oh, ele estava mais que preparado. Cada nódoa negra, cada ferida e cada bolha das últimas semanas haviam conduzido àquele momento. Quando sentiu a palmada no ombro direito, saltou sem hesitar.

Vento e céu, e a intensa e ofegante emoção de desafiar ambos. A velocidade era como uma droga a correr-lhe no sangue. Ele só conseguia pensar, «*Sim, meu Deus, sim, nasci para isto*», enquanto fazia a contagem decrescente e girava o corpo até conseguir ver o solo abaixo entre os pés.

O paraquedas abriu-se e elevou-se, puxando-o abruptamente. Gull olhou para a direita, depois para a esquerda, e viu Dobie no momento em que o seu companheiro de salto soltava uma gargalhada forte e descontrolada.

— Era disto que eu estava a falar!

Gull sorriu e perscrutou a paisagem. Quantos veriam aquela impressionante vastidão de floresta e montanha, aquele infinito céu aberto?, perguntou-se. Passou os olhos pelos fiapos de neve nos pontos mais elevados e pelo verde que começava a pintar o vale. Teve a impressão, embora achasse improvável, de conseguir cheirar ambos, o inverno e a primavera, enquanto descia entre os dois.

Gull manejava os batoques, usando o seu instinto, a prática e o capricho do vento. Conseguia agora ver Rowan; o modo como o sol se refletia nos seus curtos cabelos claros e até a sua pose — pernas afastadas, mãos nas ancas —, observando-o enquanto ele a observava.

Posicionou-se sobre ela, avaliando o alinhamento, e sentiu assim que o apanhou. Os bombeiros-paraquedistas diziam que era como equilibrar-se num arame, por isso ele deixou-se deslizar, mantendo a respiração regular enquanto se preparava para o impacto.

Olhou uma vez mais em direção a Dobie e reparou que o colega ia passar para lá do ponto de aterragem. Então embateu no solo, agachou-se e rolou. De imediato, libertou-se do equipamento e começou a recolher o paraquedas.

Ouviu Rowan gritar e viu-a correr em direção ao arvoredo. Sentiu-se gelar, mas rapidamente aqueceu quando ouviu o chorrilho de palavrões vociferados por Dobie.

Lá em cima, o avião inclinou as asas e começou a desenhar outro círculo para largar os paraquedistas seguintes. Gull pegou no seu equipamento e, de sorriso rasgado, encaminhou-se para o local onde Dobie arrastava o seu do meio das árvores.

— Eu estava no alinhamento certo, mas o vento atraçou-me e atirou-me para o meio das árvores. Mas foi um salto e tanto! — A emoção e o triunfo iluminavam-lhe o rosto. — Foi um salto do caraças! Só que engoli a pastilha elástica.

— Estão no solo — disse-lhes Rowan. — Não têm nada partido. Por isso, nada mal. — Abriu o seu saco e tirou umas barritas de chocolate. — Parabéns.

— Não há nada igual — disse Libby, olhando para o céu com o rosto reluzente. — Nada que chegue perto disto.

— E ainda não saltaste sobre fogo. — Rowan sentou-se e depois estendeu-se sobre a erva do prado. — É um mundo completamente novo. — Contemplou o céu, enquanto esperava que o avião regressasse, e olhou para Gull quando este se deitou ao seu lado. — O teu salto correu bastante bem.

— Usei-te como alvo. O sol nos teus cabelos — acrescentou ele quando ela lhe franziu o sobrolho.

— Credo, Gull, tu és realmente um romântico. Que Deus te ajude.

Tinha-a deixado atrapalhada, constatou Gull, atribuindo-se mais um ponto. Como não tinha engolido a pastilha, guardou o chocolate para mais tarde. — O que fazes tu quando não estás a fazer isto?

— O meu trabalho? Ajudo o meu pai no negócio dele, saltando com turistas que procuram emoções fortes, ensinando pessoas que pensam que querem, ou que decidem que querem, saltar como *hobby*. Também dou algumas aulas como *personal trainer*. — Fletiu os bíceps.

— Aposto que és boa nisso.

— Trabalhando como PT, ganho para me manter em forma para isto durante o inverno. E tu?

— Eu ganho a vida a jogar. No *Fun World*. É um enorme salão de jogos: videojogos, *bowling*, carrinhos de choque, *flippers*...

— Trabalhas num salão de jogos?

Gull cruzou os braços atrás da cabeça. — Não é trabalho, se é divertido.

— Não me pareces o tipo de pessoa que lida com miúdos e máquinas o dia todo.

— Gosto de miúdos. São bastante destemidos e abertos a possibilidades. Os adultos tendem a esquecer-se como é ser qualquer uma dessas coisas. — Encolheu os ombros. — Tu passas o teu dia a tentar fazer suar gente que não tira o rabo do sofá.

— Nem todos os meus clientes são assim. E, no final do programa de treino, nenhum deles é. — Rowan sentou-se. — Lá vem o grupo seguinte.

Com o primeiro salto concluído, guardaram o material e levaram-no de volta para a base. Após mais um treino de preparação física e de uma aula teórica, estavam de novo a postos para o segundo salto do dia.

Praticaram saltos com o equipamento completo, delinearam estratégias de contenção de incêndios, estudaram mapas, executaram inúmeros abdominais, elevações, flexões, correram quilómetros e atiraram-se de aviões. No final de quatro exigentes semanas, estavam reduzidos a dezasseis candidatos. Os que ainda subsistiam encontravam-se alinhados diante do edifício operacional a responder à última chamada enquanto instruendos.

Quando Libby respondeu à chamada do seu nome, Dobie enfiou vinte dólares na mão de Gull. — Barbie, a bombeira-paraquedista. Temos de lhe reconhecer o mérito. Uma lingrinhas daquelas conseguiu resistir, e um matulão como o McGinty desistiu.

— Nós não desistimos — recordou-lhe Gull.

— Era o que faltava!

Quando se saudavam com um «mais cinco», uma enxurrada de água gelada deixou-os ensopados.

— É para lavar o fedor a recruta! — gritou alguém. E, com gritos e apupos, os homens e a mulher que estavam em cima do telhado largaram mais uma enxurrada de água de baldes.

— Agora são como nós! — Do seu lugar, fora do alcance da água, L. B. gritava para se fazer ouvir acima das gargalhadas e dos palavrões. — São do melhor que há! Vão limpar-se e depois guardem tudo nas carinhas. Vamos à cidade, meninos e meninas! Têm uma noite para comemorar e beber até não poderem mais. Amanhã, começam o dia como bombeiros-paraquedistas... como Zulies!

Quando Gull espremeu diante de todos a nota de vinte dólares encharcada, Dobie riu-se a bandeiras despregadas e teve de se sentar no chão. — Eu pago a primeira rodada. Estás incluída, Libby.

— Obrigada.

Ele sorriu e enfiou a nota molhada no bolso também molhado. — Devo-te tudo a ti.

Já no interior das instalações, Gull despiu a roupa molhada. Analisou os ferimentos — não estavam com muito mau aspeto — e, pela primeira vez numa semana, teve tempo para se barbear. Depois de conseguir desencantar

uma camisa e umas calças limpas, dedicou uns minutos a enviar um rápido email para casa, a informar a família de que havia conseguido.

Ele previa que aquela notícia provocasse reações variadas, embora estivesse certo de que todos fingissem estar tão felizes como ele. Meteu um charuto comemorativo no bolso do peito e saiu.

O email havia-lhe ocupado algum tempo, por isso Gull entrou na última carrinha e encontrou um lugar no meio da mescla de recrutas e veteranos.

— Pronto para a festa, novato? — perguntou-lhe Trigger.

— Já estou há muito tempo.

— Lembra-te de que ninguém vai ter babá. Se as carrinhas saírem e tu não estiveres em nenhuma, depois desenrascas-te sozinho para regressares à base. Se acabares com alguma mulher esta noite, o mais inteligente é acabares com alguma que tenha carro.

— Vou tentar não me esquecer disso.

— Danças?

— É um convite?

Trigger soltou uma gargalhada ruidosa. — És quase bonito suficiente para mim. O sítio onde vamos tem uma pista de dança. Se souberes fazer a coisa, dançar com uma mulher é um bom preliminar.

— É o que te diz a voz da experiência?

— Sim, jovem Jedi. Com certeza.

— Interessante. Então... a Rowan gosta de dançar?

Trigger levantou as sobranceiras. — A isso chama-se bater à porta errada.

— Foi a única que me despertou o interesse e a atenção.

— Então vais ter um verão longo e seco. — Deu uma palmada no ombro de Gull. — E deixa-me dizer-te mais uma coisa que aprendi com a minha vasta experiência: quando tens calos em cima de calos, e bolhas em cima disso tudo, bater uma punheta não é tão agradável como devia ser.

— Cinco anos como especialista — recordou-lhe Gull. — Se o verão for longo e seco, as minhas mãos vão dar conta do recado.

— Pode ser. Mas uma mulher é melhor.

— De facto, Mestre Jedi. Sem dúvida.

— Tens alguma lá na tua terra?

— Não. Tu tens?

— Tive uma. Duas vezes. Casei com uma delas. A coisa não correu bem. O Matt tem uma. Tens uma mulher no Nebrasca, Matt?

Matt virou-se e olhou por cima do ombro. — A Annie está no Nebraska.

— Namoram desde o liceu — disse Trigger. — Depois ela foi para a faculdade, mas eles retomaram o namoro quando ela voltou para casa. Duas cabeças, um coração. Por isso, o Matt não dança... se é que me entendes.

— Entendo. É bom ter alguém — disse Gull.

— Este mundo de doidos não faz sentido se não tivermos. — Matt encolheu os ombros. — Não faz sentido fazermos o que fazemos, se não temos ninguém à nossa espera quando voltamos.

— Adoça a vida — concordou Trigger. — Mas alguns de nós têm de se contentar com uma dança de vez em quando. — Esfregou as mãos uma na outra quando a carrinha entrou num parque de estacionamento a abarrotar de carrinhas e automóveis.

Quando saiu do veículo, Gull perscrutou o edifício longo e baixo e fitou por instantes a luminosa placa néon.

— Get a Rope² — leu ele. — A sério?!

— Prepara-te, *cowboy*. — Trigger deu-lhe uma palmada no ombro e entrou todo empertigado com as suas botas pele de cobra.

Mais uma experiência, lembrou Gull a si mesmo. As experiências nunca eram de mais.

Entrou no ambiente dominado pelos guinchos nasalados de uma música *country* verdadeira e profundamente má, interpretada por um quarteto de tipos de aspeto desgrenhado atrás da proteção dúbia de uma rede de arame. Naquele momento, as únicas coisas que lhes lançavam eram insultos, mas a noite ainda era uma criança.

Ainda assim, a pista de dança estava a abarrotar de pessoas que batucavam com os saltos das botas e bambolevam os traseiros. Outras estendiam-se pelo longo balcão do bar, ou apertavam-se em frágeis cadeiras em torno de mesas minúsculas onde podiam devorar nachos a pingar molho ou roer asinhas de frango cobertas de uma substância suspeita que lhes dava uma tonalidade cor de laranja. A maioria optava por acompanhar essa combinação com cerveja servida em jarros de plástico transparente.

A iluminação era misericordiosamente ténue, e apesar da proibição de fumar, sombrias nuvens azuis enevoavam o ar que cheirava a suor, a fritos e a cinzeiros transbordantes de beatas.

² *Get a rope*: Traz uma corda. (N. da T.)

Na opinião de Gull, a única coisa sensata a fazer era começar a beber.

Encaminhou-se para o bar, arranjou um espaço com a ajuda dos cotovelos e pediu uma garrafa de cerveja *Bitter Root*. Dobie conseguiu enfiar-se ao lado dele e deu-lhe um soco no braço. — Porque é que queres beber essa coisa estrangeira?

— É feita em Montana. — Passou a garrafa a Dobie e pediu mais uma.

— É bastante boa — concluiu Dobie após um trago. — Mas não é nenhuma *Budweiser*.

— Não deixas de ter razão. — Divertido, Gull brindou, batendo com a sua garrafa na de Dobie, e depois bebeu. — Cerveja. A resposta a tantas questões.

— Vou acabar esta, escolher uma mulher da manada e levá-la para a pista de dança.

Gull bebeu mais um pouco enquanto observava o guitarrista de dedos grossos. — Como é que consegues dançar ao som de uma porcaria como esta?

Dobie semicerrou os olhos e espetou os dedos no peito de Gull. — Tens algum problema com a música *country*?

— Se chamas a isto música, é porque deves ter rebentado um tímpano no teu último salto. Gosto de *bluegrass*³ — acrescentou ele — quando é bem tocada.

— Não me lixes, menino da cidade! Sabes lá o que é *bluegrass*.

Gull bebe mais um trago de cerveja. — «*I am a man of constant sorrow*» — cantou ele num forte e fluido tenor. — «*I've seen trouble all my days*».

Desta vez, Dobie deu-lhe um soco afetuoso no peito. — Não paras de me surpreender, Gulliver. Também tens uma boa voz. Devias ir ali para cima mostrar àqueles merdosos como se faz.

— Acho que vou simplesmente beber a minha cerveja.

— OK. — Dobie inclinou a garrafa, bebeu a cerveja até ao fim e soltou um arrotto com toda a descontração. — Vou em busca de fêmea.

— Boa sorte.

— Não se trata de sorte. Trata-se de estilo.

Gull viu Dobie aproximar-se de uma mesa de quatro mulheres e decidiu que o companheiro tinha um estilo muito próprio.

³ *Bluegrass*: Tipo de música *country* originária do Sul dos Estados Unidos. (N. da T.)

Desfrutando do momento, Gull apoiou-se com um cotovelo em cima do balcão e cruzou os pés. Fiel à sua palavra, Trigger já estava com companhia na pista de dança e Matt, fiel a Annie, encontrava-se sentado com Little Bear, um recruta chamado Stovic e um dos pilotos a quem chamavam Stetson devido ao seu adorado e desgastado chapéu preto.

E lá estava Rowan, sentada a uma mesa com Janis Petrie, Gibbons e Yangtree, a comer nachos cor de laranja. Tinha vestida uma *t-shirt* azul justa, de decote redondo, que lhe moldava os seios e o torso. Era a primeira vez que a via de brincos, algo que cintilava e lhe baloiçava nas orelhas quando ela abanava a cabeça e se ria.

Reparou que ela também havia feito alguma coisa aos olhos e aos lábios, algo que os destacava. E quando deixou Cartas puxá-la para uma dança, Gull viu que as calças de ganga que usava eram tão justas como a camisola.

Rowan viu-o quando Cartas a fez rodopiar e deixou-o sem fôlego quando lhe dirigiu um sorriso matreiro. Gull decidiu que se ela queria matá-lo, mais valia fazê-lo de perto. Pediu mais uma cerveja e levou-a até à mesa dela.

— Eh, carne fresca! — Janis brindou-o com um nacho a escorrer molho. — Queres dançar, recruta?

— Ainda não bebi cerveja suficiente para dançar ao som desta coisa.

— São tão maus, que até são bons. — Janis deu umas palmadinhas na cadeira vazia de Rowan. — Mais uns copos e serão quase suficientemente bons para serem maus.

— A tua lógica diz-me que não é a primeira vez que vens aqui.

— Só se é um verdadeiro Zulie quando se consegue sobreviver a uma noite no Get a Rope. — Olhou para a porta quando entrou um grupo de três homens de ar empertigado. — Em toda a sua glória.

— São daqui?

— Não me parece. Estão todos de botas novas. E são caras. — Janis voltou a encher o copo com a cerveja que estava no jarro. — Parecem-me da cidade, devem estar hospedados nalgum rancho, e vieram tirar a pinta ao pessoal local.

Os homens encaminharam-se para o bar e o que ia à frente abriu espaço com os seus ombros musculados e bateu com uma nota em cima do balcão.

— Uísque e uma mulher — disse ele, levantando propositadamente a voz, imaginava Gull, para se fazer ouvir. Os apupos e as

gargalhadas dos amigos indicaram-lhe que não seria a primeira bebida da noite.

Algumas pessoas afastaram-se do balcão para dar espaço ao grupo enquanto o empregado lhes servia as bebidas. O líder do grupo emborcou-a de uma vez, bateu com o copo no balcão e apontou para o mesmo.

— Precisamos de umas fêmeas!

Seguiu-se mais hilaridade por parte do grupo. Estavam à procura de sarilhos, concluiu Gull, e como não era o seu caso, resolveu virar novamente a sua atenção para Rowan, que estava na pista de dança.

Janis inclinou-se para ele quando a banda começou a tocar uma *cover* de «When the Sun Goes Down». — A Ro diz que trabalhas num recinto de jogos.

— Ela falou-te de mim?

— Claro. Estamos sempre a trocar informações. Eu gosto de jogos. Têm *flippers*?

— Sim, novos e *vintage*.

— *Vintage*? — perguntou ela, semicerrando os enormes olhos castanhos. — Por acaso não têm o High Speed, têm?

— Por algum motivo, é um clássico.

— Adoro esse! — exclamou ela, batendo com a mão na mesa. — Quando eu era miúda, havia um, já muito velho e usado, num salão de jogos. Eu tornei-me tão boa naquilo que chegava a jogar um dia inteiro com a primeira ficha. Troquei cinco jogos de borla pelo meu primeiro beijo com língua. — Janis suspirou e recostou-se. — Bons tempos.

Ao seguir o olhar dela até ao bar, Gull foi a tempo de ver o bebedor de uísque a dar uma forte palmada no traseiro de uma empregada de mesa que passava com uma bandeja cheia. Quando a mulher olhou para trás, ele levantou as duas mãos e sorriu com sarcasmo.

— Imbecil. Não podemos ir a lado nenhum — disse Janis — sem darmos de caras com imbecis.

— São mais que as mães. — Gull ajeitou-se melhor quando Rowan saiu da pista de dança.

— Essa cadeira é minha.

— Estou a guardá-la para ti. — Gull deu umas palmadinhas no joelho.

Ela surpreendeu-o sentando-se no seu colo, pegando na sua cerveja e bebendo sofregamente. — Pelos vistos gostas de gastar dinheiro... a comprar cerveja local em garrafa. Não danças, ricoço?

— Talvez, se eles tocarem alguma coisa que não me faça doer os tímpanos.

— Ainda consegues ouvi-los? Posso tratar disso. Está na hora dos *shots*.

— Eu estou fora — disse Gibbons de imediato. — A última vez que me convenceste a alinhar nisso, fiquei uma semana sem conseguir sentir os dedos.

— Não faças isso, Gull — alertou Yangtree. — A Sueca tem um estômago de ferro. Sai ao pai.

Rowan virou a cara para Gull e desfez-se em sorrisos. — Oh... tens um estômago sensível, especialista?

Gull imaginou-se a morder-lhe o carnudo lábio inferior; uma mordida rápida e forte. — Que tipo de *shots*?

— Só há um tipo de *shot* que vale a pena. Te-qui-la — entou ela, batendo com a palma da mão na mesa a cada sílaba que pronunciava. — Se tiveres tomates para isso.

— Estás sentada em cima deles, por isso deves saber.

Rowan lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sensual. — Aguenta-os um bocado. Vou preparar as coisas. — Levantou-se de um salto e Dobie agarrou-a pela mão e fê-la rodopiar. *Titânia para Puck*, pensou Gull.

Então ela enganchou os polegares nos bolsos dianteiros das calças e acompanhou-o numa espécie de sapateado que arrancou assobios e aplausos a alguns dos restantes dançarinos. Depois apontou um dedo a Gull — e, que diabo, lá estava ele sem fôlego outra vez! — e dançou até ao bar.

— Eh, Big Nate! — Debruçando-se sobre o balcão, Rowan chamou o encarregado do bar. — Preciso de uma dúzia de *shots* de tequila, dois saleiros e uns gomos de lima para chupar. — Olhou para o lado, dirigiu um olhar enfadado ao sujeito que naquele momento estava agarrado às entrepernas, e desviou novamente o olhar. — Posso levá-los para a mesa, se a Molly estiver ocupada.

O sujeito que estava agarrado às entrepernas bateu com uma nota de cem dólares em cima do balcão, mesmo em frente dela. — Pago-te os *shots* e dez minutos lá fora.

Rowan acenou discretamente com a cabeça em direção ao empregado do bar, antes que este pudesse falar. Depois virou-se e fitou nos olhos o bêbedo insultuoso. — Visto que não tens qualquer encanto e a única

forma de conseguires uma mulher seja pagando-lhe, calculo que aches que somos todas prostitutas.

— Desde que cheguei que estás ali a bambolear esse rabo e essas mamas. Eu estou só a oferecer-me para pagar o que tens estado a anunciar. Mas, primeiro, pago-te um copo.

À mesa, Gull pensou «*merda*» e começou a levantar-se. Gibbons colocou-lhe uma mão no braço. — Não te metas no caminho dela. Confia em mim.

— Não gosto de ver bêbedos a importunarem mulheres.

Gull levantou-se abruptamente, reparou que o nível de ruído havia diminuído e conseguiu ouvir nitidamente o que Rowan estava a dizer num tom doce como mel: — Bem, se me pagas primeiro um copo... Esse jarro é teu? — Pegou no jarro e, devido à sua estatura, não teve qualquer dificuldade em despejá-lo sobre a cabeça do homem. — Chupa isto, imbecil.

O homem mexeu-se bastante depressa para quem estava podre de bêbedo. Empurrou Rowan de encontro ao balcão, agarrou-lhe nos seios e apertou-lhos.

E ela mexeu-se ainda mais depressa. Antes de Gull conseguir lá chegar, espetou o salto da bota no peito do pé do homem, o joelho nas entrepernas que tanto o orgulhavam, e, quando ele se dobrou para a frente, atirou-o ao chão com um dos melhores ganchos que Gull havia visto na vida.

Depois deu um soco num dos amigos dele que havia sido suficientemente tolo para tentar virá-la para si. De seguida agarrou-o pelo braço, puxou-o para a sua frente e deu-lhe um pontapé no rabo que o projetou contra o amigo que estava a tentar levantar-se.

Virou-se rapidamente para o terceiro. — Queres tentar?

— Não — respondeu ele, levantando as mãos. — Não, minha senhora, não quero.

— Talvez tenhas meio cérebro. Faz uso dele e tira daqui os idiotas dos teus amigos antes que eu me enfureça. Porque quando eu me enfureço, ninguém me segura!

— Acho que ela não precisava de ajuda — comentou Dobie.

— Pronto. — Gull pousou uma mão sobre o peito. — Estou apaixonado.

— Acho que não ia querer apaixonar-me por uma mulher capaz de fazer de mim pano de chão.

— Se não há risco, não tem piada.

Gull deixou-se ficar quando meia dúzia de Zulies interveio para ajudar os três homens a chegarem à porta. E a saírem por ela.

Rowan alisou a *t-shirt*. — E então esses *shots*, Big Nate?

— Estão a sair. Por conta da casa.

Gull voltou a sentar-se e ficou à espera que Rowan levasse a bandeja.

— Estás preparado? — perguntou-lhe ela.

— Alinha-os, querida. Queres gelo para os nós dos dedos?

Ela agitou os dedos. — Estão ótimos. Foi como socar um boneco de neve.

— Ouvi dizer que também se dão mal com a bebida.

Ela riu-se e sentou-se na cadeira que Gibbons lhe tinha ido buscar.

— Vejamos que tipo de bêbedo és tu.